

EUA e Israel abandonam Durban

Questão palestina faz os dois aliados deixarem conferência contra racismo enquanto UE tenta evitar fracasso da reunião

DURBAN, ÁFRICA DO SUL – Os Estados Unidos, seguidos de Israel, abandonaram ontem a Conferência Internacional Contra o Racismo realizada pela ONU na cidade sul-africana de Durban, em protesto pelos termos duros usados para se referir à política do Estado judeu para o povo palestino. Ambos os países vinham ameaçando deixar Durban há dias se certas partes do rascunho da declaração final da conferência não fossem alteradas.

A decisão levou a União Europeia (UE) a pressionar por um novo texto que fosse capaz de agradar tanto a israelenses e americanos quanto aos países árabes e muçulmanos – os maiores articuladores da repremenda a Israel. Esta é a terceira conferência contra o racismo organizada pela ONU, e os americanos abandonaram as duas anteriores – realizadas na Suíça em 1978 e 1983 – pela mesma razão.

Rascunho – A polêmica envolve a menção de Israel como um “Estado racista” no rascunho da declaração final da conferência, além de um documento aprovado por um fórum paralelo de organizações não-governamentais – sem valor oficial – que acusa o país de práticas racistas como limpeza étnica e genocídio. Segundo os israelenses, a decisão de abandonar o encontro se deve, concretamente, à insistência do Egito em qualificar Israel como racista e ao rechaço do Irã a qualquer menção ao anti-semitismo, que seria, segundo Teerã, um fenômeno do passado.

“Hoje [ontem] instruí nossos representantes na conferência a voltarem para casa”, disse, de Washington, o Secretário de Estado americano, general Colin Powell. Pouco depois, o ministro das Relações Exteriores israelense, Shimon Peres, ordenou que também sua equipe deixasse a conferência.

“Lamentamos muito o espetáculo bizarro que aconteceu em Durban. Uma importante convenção que deveria defender os direitos humanos tornou-se uma fonte de ódio”, disse Peres. O ministro também agradeceu a iniciativa dos EUA, que, segundo ele, adotaram “uma posição extremamente corajosa para que o mundo se torne mais responsável, mais balanceado, mais verdadeiro. Acho que os Estados Unidos salvaram a honra de nosso mundo e de nosso tempo.”

Do zero – A declaração de Peres foi feita logo após um encontro com o representante para política externa da União Europeia, Javier Solana. Pouco depois dos anúncios feitos pelos EUA e por Israel, a UE pressionava a África do Sul a tentar estabelecer um novo acordo: o texto antigo seria abandonado e outro seria redigido em seu lugar. O bloco europeu também deixou claro que permanecerá na Conferência até seu encerramento, na sexta-feira.

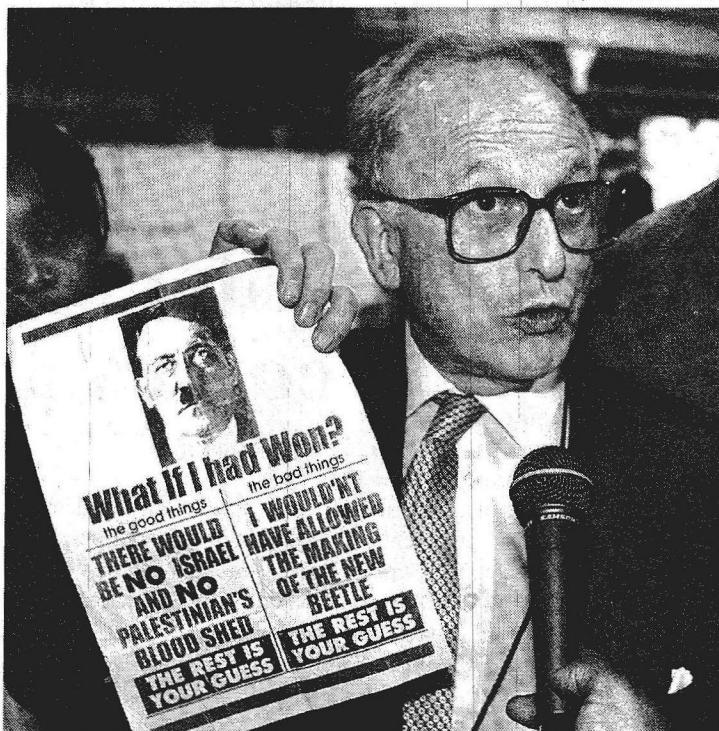
“Os 15 Estados da UE me in-

137
Durban, África do Sul – Reuters



“Vergonha”, diz o cartaz de protesto contra a decisão americana de boicotar a conferência

Durban, África do Sul – AFP



Líder judeu exibe cartaz contra Israel para justificar decisão

cumbriram de aceitar a proposta feita por meu colega [o ministro do Exterior sul-africano, Nkosazana] Dlamini-Zuma, que consiste na elaboração de um texto in-

teiramente novo que possa alcançar o consenso”, disse Louis Michel, chanceler da Bélgica e chefe da delegação da União Europeia no encontro.

Integrantes das delegações europeias afirmam que o novo texto deveria se basear na proposta a cargo da Noruega, que há dias tenta encontrar um meio-termo entre os anseios israelenses, americanos e pró-palestinos. Israel e EUA já aceitaram o rascunho norueguês. Os países muçulmanos, não.

Críticas – Apesar do esforço para salvar a conferência – as duas últimas fracassaram pela mesma razão – a África do Sul não se furtou a criticar a atitude americana: “O governo sul-africano vê a retirada americana, ou de qualquer outra delegação, como desafortunada e desnecessária”, disse o ministro da Presidência, Essop Pahad.

Por sua parte, a alta-comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Mary Robinson, condenou a atitude dos EUA: “Se deixarmos Durban sem chegar a um acordo, daremos alento aos piores elementos em todas as sociedades”. Sua declaração obteve o apoio do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que qualificou a decisão americana de “lamentável”.